



Um espaço para a cultura

20 OUT 2003

CORREIO BRAZILIENSE

OSCAR NIEMEYER

Arquiteto

Hoje cedo recebi um telefonema do meu amigo Carlos Magalhães, que, solidário, indagava da minha saúde. E, sensibilizado, fiquei a lembrar esse velho companheiro, que com tanto empenho vem lutando contra tudo que ocorre de ruim na nova capital.

E, passada a conversa, me pus a recordar aqueles velhos tempos, a determinação com que JK, em quatro anos apenas, construiu a capital do nosso país. Lembrava como tudo era diferente. Até a natureza parecia nos hostilizar. Como era frio o velho cerrado, vazio e abandonado! As chuvas de granizo a baterem com estrondo no telhado de zinco do antigo barracão onde trabalhávamos. Ou — o que era pior — as estradas cobertas de lama e aquele silêncio, aquela solidão que desconhecíamos.

Pouco a pouco as obras começaram e, de acordo com o plano do Lúcio, as ruas a se delinearem no planalto sem fim. E o barulho das máquinas a indicar que Brasília surgia afinal.

Lembrava JK e Israel Pinheiro a seguirem os trabalhos, incansáveis. As estruturas de concreto dos novos edifícios a cortarem, com suas formas diferentes, o imenso céu da nova capital. E a cidade construída, e eu a me sentir satisfeito com a pequena parcela de trabalho com que contribuíra para aquela obra extraordinária.

Como toda cidade, Brasília sofreu muito com a incompreensão dos homens e a ânsia do poder imobiliário. Lembro-me como me revoltou uma das últimas visitas de carro que fiz à nova capital.

Nossa chegada a Brasília era sempre à noite. E,

ao dela nos aproximarmos, era um prazer tentar descobri-la na escuridão do cerrado. Primeiro, um ponto de luz, que pouco a pouco se ampliava como uma extensa faixa luminosa à nossa frente. Era Brasília que nos surgia como um oásis naquele vazio imenso.

Nessa última viagem nada disso aconteceu. E foi de repente, sem a surpresa que antes nos atraía, que nos vimos a viajar entre grandes edifícios, de péssima arquitetura, que ali nunca deveriam ter sido construídos, a esconderem a entrada da nova capital.

O que fazer? E nenhuma desculpa, a não ser muita insensibilidade, me ocorreu para tanto desacereto. E recordei, consternado, que, na chegada aérea a Brasília, com a multiplicação dos novos blocos dos ministérios, a mesma coisa acontecia; já não era a silhueta leve, a lembrar um avião, que o Plano Piloto do Lúcio apresentava, mas uma forma diferente, mais pesada, a substituí-la.

Procurei tranquilizar-me. Afinal, Brasília está lá, com o seu céu imenso, bela e funcional, boa de viver, com as habitações próximas da escola e do comércio local, logicamente setorizada como o Plano Piloto estabelecia.

Apenas, e isso é grave, o Eixo Monumental até hoje não foi construído. A partir da Catedral até o viaduto, é a terra vazia, abandonada há mais de 40 anos, como se ele não fosse o setor principal de Brasília, onde serão construídos o museu, a biblioteca, o setor cultural.

Como tem sido difícil explicar aos turistas quando, parados diante da Catedral, nos perguntam alarmados: por que esse espaço vazio e abandonado no centro da cidade? E a resposta é sempre eva-

siva, como se o silêncio fosse melhor. Agora, para satisfação nossa, um governante, Joaquim Roriz, resolveu tomar uma atitude e completar o Eixo, construindo os edifícios nele projetados.

Como autor do projeto, sua posição me entusiasma, a imaginar a obra terminada, o povo a frequentar o museu, orgulhoso com a obra concluída — uma cúpula de 80 metros de diâmetro —, os três auditórios localizados no térreo, o grande salão com os seus mezaninos audaciosos, e a praça belíssima, o restaurante projetado e a biblioteca a completar o conjunto, acolhedora, dotada de todos os recursos tecnológicos. E, do outro lado, o grande centro musical, os cinemas, etc.

Tudo isso o governador Roriz se propõe a realizar com o maior entusiasmo — como me afirmo dias atrás o secretário Pedro Borio —, certo de que terá o apoio do povo de Brasília, consciente de como será importante para a cidade a conclusão do Eixo Monumental.

É claro que um clima de otimismo começa a envolvê-lo nessa tarefa. E até o presidente Lula, que tantas vezes voa sobre a cidade, poderá um dia sentir esse vazio imenso que tanto a compromete e, quem sabe, dar a Roriz o apoio que merece para a conclusão dessa obra tão importante para a nova capital.

Deixei o assunto de lado. Li nos jornais as matérias sobre a posição correta e nacionalista com que Lula atuou pelo exterior, as declarações corajosas do embaixador Celso Amorim contra a Alca e a consolidação desse bloco que, para a defesa da América Latina, começa a ganhar força. E foi, com o coração mais leve, que dei por concluído este pequeno texto.